

6 nov. Brasil 17 NOV 1991

Executivo defende o fim da cultura inflacionária

CORREIO BRAZILIENSE

"Nós brasileiros precisamos entender que não há estabilidade no País se tivermos inflação acima de 20 por cento ao ano". A opinião é do presidente da Union Carbide do Brasil, Jan Daniel Peter, esclarecendo que o País precisa assimilar o conceito de que inflação acima de dois por cento ao mês é insustentável. Segundo ele, para que uma empresa nacional ou estrangeira possa fazer qualquer planejamento sério é necessária uma economia estável, com uma inflação baixa.

Peter atribui a convivência com a inflação alta a um problema de natureza cultural, que vem desde a época das capitâncias hereditárias, quando criou-se um Estado cartorial corporativista. Desenvolveu-se uma mentalidade de que através do Estado criariam-se condições de crescimento. "Ao meu ver, o ponto central está aí", explica Peter, "quando se tentou desenvolver o crescimento através do intervencionismo do Estado. Mas o Estado é um empresário que não tem responsabilidade com o acionista. Ele promove o crescimento através do déficit público".

E acrescenta: "Eu também, se fosse um empresário que pudesse desenvolver minha empresa imprimindo cruzeiros, ela teria crescido muito mais. Portanto, nosso problema está fundamentalmente relacionado com o papel do Estado na economia. Se não modificarmos isso não conseguiremos acabar com a inflação no Brasil".

Investimento — Atuando de forma pioneira no setor petroquímico, com a instalação de uma indústria em Cubatão (SP) no final dos anos 50, a Union Carbide pretende investir no País cerca de 150 milhões de dólares, para a ampliação da capacidade de produção. Essa expansão, segundo Jan Peter, depende de matéria-prima, especialmente junto à Petrobrás, com a qual a direção do grupo Carbide vem mantendo negociações em busca de alternativas. "Esse projeto também está na dependência da ampliação da Petroquímica União, uma empresa estatal que enfrenta dificuldades para viabilizar os recursos necessários à sua própria expansão, dentro do projeto estabelecido no Plano Nacional Petroquímico", explica o empresário.

A indústria depende, ainda, de uma corrente de gás de craque que hoje é queimada e que, segundo Peter, poderia ter o gás residual reutilizado e reprocessado pela Carbide. O gás remanescente seria devolvido para a Petrobrás. O resultado desses entendimentos com a estatal brasileira é que poderá viabilizar o projeto de ampliação da unidade da Union Carbide em Cubatão.

Privatização — Sobre o programa de privatização do Governo, Jan Peter admitiu que o grupo está interessado na aquisição da Petroquímica União. Em primeiro lugar, para poder dar imediato prosseguimento ao seu projeto de expansão; em segundo lugar, por ser a Carbide o segundo maior cliente da União e "dependemos dela para manter e ampliar nossas atividades. Quanto às demais empresas do setor petroquímico, nosso interesse dependeria muito de reestruturações empresariais".

O empresário criticou as restrições impostas ao capital estrangeiro no setor petroquímico, especialmente a partir da década de 70. Uma alternativa para contornar essas restrições, na sua opinião, seria o uso de **joint-ventures**, "que considero uma maneira muito inteligente de participação do capital estrangeiro no setor. Entretanto, criou-se no Brasil **joint-ventures** por decreto e que, para mim, foi um fator de inibição muito grande. Mariazinha casa-se com Joãozinho, mas Mariazinha tem que concordar com certas coisas que o Joãozinho vai fazer. Durante a fase de crescimento econômico do País muitas empresas de capital estrangeiro concordaram com esse tipo de coisa. Acabamos criando muitos projetos que hoje são ineficientes".

Ecologia — Como coordenador de um programa da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), voltado para a atuação responsável da indústria química, Peter lembrou que, por razões óbvias, a Carbide tem tido uma participação muito intensa nas discussões das questões ambientais. Pela experiência do desastre de Bopal, na Índia, do qual a empresa vem tirando grandes lições, Peter disse ter consciência o quanto a questão ambiental pode representar para o setor petroquímico.